

# Os jovens não votam e “não é por estupidez”

---

**P**ublico.pt/2019/05/26/sociedade/noticia/-jovens-jovens-nao-votam-nao-estupidez-desinteresse-sentem-partidos-nao-dao-nada-1874118

Natalia

Faria



Ana Varela dobrou em Janeiro a esquina dos 18 anos e garante que não abdica de votar nestas eleições. Até já escolheu o partido, embora não saiba nomear o cabeça de lista. “Estou um bocado à nora. Se vir a cara, sei mais ou menos identificá-lo. É uma das coisas que tenho que pesquisar”, reagiu, quando, na quinta-feira, conversou com o PÚBLICO. Pedro Melo, 18 feitos em Abril, não tinha decidido se irá votar. “A minha hesitação deve-se a não estar muito a par do assunto”, justificou.

“Não é estupidez nem desinteresse”, relativiza a psicóloga Margarida Gaspar de Matos, por cujas mãos têm passado centenas destes jovens nascidos após o virar do milénio, enquanto coordenadora em Portugal do estudo da Organização Mundial de Saúde sobre a adolescência. “É porque estão desenganados em relação aos partidos e não estão para perder tempo com uma estrutura que não lhes dá nada”

## Os jovens, a abstenção e a Europa

---

Nas europeias de 2014, apenas 19% dos jovens portugueses com idades entre os 18 e os 24 anos foram votar. Dá uns enormíssimos 81% de abstencionistas – e abra-se aqui um parêntesis para lembrar que os adultos têm pouco espaço para recriminações, já que, em termos gerais, a abstenção ultrapassou os 66%.

E, a acreditar no último Eurobarómetro, este domingo o cenário não divergirá muito: apenas 3% dos jovens portugueses entre os 15 e os 24 anos declararam ser “extremamente provável” irem votar nestas eleições. Entre os motivos para a abstenção preponderam, entre os cerca de mil inquiridos, o sentimento de que o voto não altera nada (33%) e a desconfiança no sistema político (30%).

A estudante de engenharia mecânica, Sofia Figueiredo, prepara-se para integrar a reduzida fatia dos que marcam presença nas urnas. Porém, estreante na maioria, acompanhou alguns debates televisivos (outra exceção à regra, entre os jovens da sua idade) e, não tendo visto nenhuma das suas causas debatidas, admitia na quinta-feira votar em branco. “Gostava de ter ouvido falar da igualdade de género, étnica, e também em termos de orientação sexual, porque estas eleições podiam ser uma oportunidade de a Europa marcar uma posição, sobretudo agora que os Estados Unidos estão a retroceder no tempo”, lamenta, apontando como nota positiva a transversalidade das preocupações com o clima.

Mas, afinal, quem são os cerca de 114 mil jovens (dados do Instituto Nacional de Estatística) que vão poder hoje votar pela primeira vez? Inserem-se na denominada geração Z, a tal que não sabe viver sem o *smartphone* no bolso. Os sociólogos que andaram a escrutinar-lhes os estilos de vida concluíram que são realistas, pragmáticos, focados em si próprios. Não lêem jornais, não integram associações. Pouco contestatários, vão aos mesmos concertos que os pais. Imitam-nos nos valores e até no modo de vestir.

São hoje miúdos sem grandes ideias ou sonhos, sem uma visão hedónica da vida. São inteligentes, aplicados. Vejo-os muito aflitos com as notas - algo competitivos até.

Das conversas que o PÚBLICO manteve com estes recém-chegados aos 18, extraem-se frases que confirmam os rótulos que lhes pespegaram. Ouça-se a estudante Ana Varela falar sobre a forma como escolheu o partido em que vai votar: “Foi um bocado por influência dos meus pais. Sabendo quais são os valores deles, que são também os meus, tentei ver qual era o partido que mais se aproximava”. E quais são esses valores? “Mais virados para o tradicionalismo - obviamente não extremo - do centro-direita”.

A psicóloga Margarida Gaspar de Matos nota-lhes diferenças relativamente à geração anterior, a dos *millenials*. “Estes miúdos foram muito martirizados pela crise. Apanharam-na quando estavam a entrar na adolescência. Em vez de ouvirem falar dos amores, sonhos, viagens, ouviram falar de gente deprimida, de crise, desemprego”. Ao perceberem que os pais “não eram tão invulneráveis quanto pensavam”, adquiriram “um pragmatismo que não é suposto terem nesta idade”.

Resultado: “São hoje miúdos sem grandes ideias ou sonhos, sem uma visão hedónica da vida. São inteligentes, aplicados. Vejo-os muito aflitos com as notas - algo competitivos até -, não porque queiram ser melhores do que os outros, mas porque sabem que só haverá lugar para alguns”, completa a investigadora.

## Adolescentes portugueses estão exaustos. Os que não gostam da escola triplicaram nos últimos 20 anos

---

Ana Varela, prestes a acabar o 12º ano na Escola Secundária de Camões, em Lisboa, com média de 18, gosta de teatro, música e desporto. Mas vai escolher direito como curso universitário. “Não é um curso que possa dizer ‘é mesmo isto que quero fazer’, mas tomei essa decisão por ser algo que provavelmente me dará abertura para várias coisas em termos profissionais”.

## Sem emprego certo nem reforma

---

Este retrato à *la minuta* adquire contornos mais precisos se nos lembrarmos, como o sociólogo Elísio Estanque, que, para estes jovens, “o mundo laboral e profissional tornou-se imprevisível, instável e precário por definição”. “Eles estão todos convencidos de que não terão reforma”, reforça Margarida Gaspar. E aqui há culpas a assacar aos dirigentes. “As instituições tradicionais da democracia representativa deixaram que se instalasse a ideia de que a democracia era um estado natural de vida, que estava madura e consolidada”, acusa Estanque.

┆ Não estou dentro desse mundo, é confuso. Só os ouço falar, tipo, nas dívidas e no dinheiro

Sofia Figueiredo, que teve a sorte de crescer com uns pais que a habituaram a discutir política às refeições e fora delas, diz: “Os jovens têm perdido a noção da importância e do valor que tem o facto de termos liberdade para votar e para expressar as nossas opiniões. Se as mulheres podem votar hoje é porque alguém lutou por isso. Se vivemos em democracia, alguém fez com que isso acontecesse. Mas acho que nas escolas não se aposta muito neste tipo de mensagem”.

Foto

Fábio Barbosa DR

Cabe às estruturas partidárias, principais responsáveis pelos velhos *clichés* “do dirigismo partidário e do jogos de poder”, enumera Estanque, a tarefa de “reverter a imagem negativa e suja que a política ganhou”.

Ouçamos Fábio Manuel Lima, que já tem 20 anos mas que se insere ainda na dita Geração Z, e que desperdiçou a oportunidade de votar nas autárquicas de 2017, sendo dos poucos a assumir que, este domingo, também não se desligará do YouTube para ir às urnas. “Não estou dentro desse mundo, é confuso. Só os ouço falar, tipo, nas dívidas e no dinheiro”. Está a acabar o 12º ano, depois pensa arranjar trabalho. Não vê televisão nem lê jornais. “Estou mais, tipo, no computador”. Não conhece os partidos e muito menos sabe enquadrá-los à esquerda ou à direita.

“Os velhos critérios de orientação ideológica têm pouco significado para esta geração”, enquadra Estanque, para quem aquilo com que os jovens se identificam é “com os valores da defesa do ambiente e do combate a uma indústria excessivamente corrosiva, com a questão das desigualdades, da ausência de oportunidades”. “Se sentirem que podem ter voz, estes jovens são motiváveis e susceptíveis de serem envolvidos em causas. Conseguem organizar-se em coisas simples, como estas marchas pelo clima, mas têm de ser causas próximas do seu dia-a-dia e do seu bem-estar, ligadas à ecologia, a pobreza, a protecção sexual, à cidadania, aos direitos dos animais”, reforça Margarida Gaspar de Matos, para quem o alheamento juvenil não é assim tanto em relação ao mundo mas “aos partidos e à política partidária que vêem como uma coisa para gente crescida e desinteressante”.

Nós gastámos a galinha dos ovos de ouro sem conseguir fazer passar a relevância da organização partidária aos jovens. Portanto, o perigo advém de não termos uma alternativa trabalhada para lhes propor

De novo Sofia, que não pode ser acusada de não se ter sintonizado com a campanha: “Gostei de ver que a atenção ao ambiente é transversal a todos os partidos, mas gostava que as campanhas não fossem tanto para chamar o voto no sentido de que [os candidatos] dizem aquilo que as pessoas querem ouvir mas depois não cumprem”.

## Um novo figurino para a democracia

Um dos problemas, como reforça Margarida Gaspar de Matos, é que ainda não descobrimos nenhum novo figurino para a democracia. “Nós gastámos a galinha dos ovos de ouro sem conseguir fazer passar a relevância da organização partidária aos jovens.



Portanto, o perigo advém de não termos uma alternativa trabalhada para lhes propor”, preocupa-se.



## A geração que quer “transformar isto tudo”

---

Enquanto não se encontram novas soluções, a democracia vai-se aguentado “com maiorias eleitas por menos de 10% dos eleitores”, como alerta Estanque. E, igualmente preocupante é que entre os (poucos) jovens que votam, essas maiorias parecem aleatoriamente escolhidas, aqui e ali com a ajuda de algoritmos.

Pedro Melo, por exemplo, que, na quinta-feira, se declarava hesitante mas a achar que iria votar, respondeu de forma desconcertante quando o PÚBLICO lhe perguntou como iria decidir o seu sentido de voto. “Falaram-me num questionário na Internet que tem umas trinta questões de escolha múltipla e que, no final, dá-nos uma estatística sobre em quem estamos mais inclinados a votar”, ponderou.

Com o populismo a ameaçar cada eleição, mesmo nas democracias mais consolidadas, Elísio Estanque diz que gostava de ver mais bem escrutinado o papel das redes sociais no comportamento dos jovens que as têm quase “como prolongamento do corpo”. “Sabemos que quando há grandes acções colectivas é por essa via que eles vão, se mobilizam. Mas, numa altura em que a relação com os *media* digitais é incontornável, falta saber a que ponto o volume de informação tão vasto e tão disperso a que acedem se pode tornar paralisante”, exemplifica.

Há, portanto, que sacar de soluções rápidas para estancar a míngua de votos. O politólogo Carlos Jalali alerta para o risco do efeito de habituação a este comportamento abstencionista. “Há estudos internacionais que argumentam que o voto é um hábito e que é um hábito que se ganha nas primeiras eleições em que a pessoa pode votar e que se a pessoa não ganha esse hábito não é mais tarde que o vai adquirir”, refere.

## Uma lotaria para os que votam

---

E quanto a soluções? “Há formas de ultrapassar isso, introduzindo, por exemplo, nas escolas, disciplinas curriculares de cidadania que incorporem dimensões práticas porque já sabemos que as aulas teóricas têm um efeito muito mais limitado”, sugere, aproveitando

para apontar os efeitos secundários do voto obrigatório: “É uma forma de acentuar a participação eleitoral mas mata o mensageiro, no sentido em que a abstenção também nos diz algo sobre a vitalidade dos sistemas democráticos.”.

O politólogo aponta outras propostas. Algumas algo inusitadas. “No livro *Green Paper on The Future of Democracy in Europe*, Philippe Schmitter e Alexander Trechsel sugerem a criação de uma lotaria para os eleitores. “É como se fosse um orçamento participativo, sendo que as propostas não podem ser em interesse próprio”, precisa Jalali.

A lógica é, no fundo, semelhante à de um qualquer Euromilhões. “Na semana em que jogam, mesmo sabendo que as probabilidades de ganhar são escassas, os jogadores põem-se a fantasiar coisas do género ‘E se eu ganhasse? Deixava de trabalhar?’. O interesse desta lotaria seria pôr os eleitores a pensar ‘E se eu ganhar, o que é que vou propor?’. E só o facto de se gerar esta reflexão nas pessoas já é uma forma de mobilização”, conclui.